

DISCRIMINAÇÃO RACIAL EM SALA DE AULA

Ilze Arduini de Araújo¹

Discente do Curso de Especialização/NEAB-UFU

ilzearduini@yahoo.com.br

Prof^a. Dra. Vânia Aparecida Martins Bernardes²

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

Faculdade de Ciências Integradas do Pontal – FACIP

Núcleo de Estudos Afro Brasileiros – NEAB

vaniab@pontal.ufu.br

RESUMO

O artigo apresenta reflexões que permitam auxiliar o professor a perceber e combater a segregação e a discriminação dentro da sala de aula evitando comprometer negativamente na autoimagem e na autoestima que a criança negra faz de si mesma. A metodologia utilizada será o levantamento bibliográfico o qual reuni trabalhos de estudiosos que também tiveram como foco de estudo discutir sobre a discriminação racial que ocorre dentro da escola. Esse tema que a décadas foi silenciado e negligenciado por alguns professores talvez por acreditarem na utopia de que no Brasil exista a tal da “democracia racial” carece de reflexões que promova mudanças e que tenha como propósito romper com esse silêncio que impera sobre o tema *racismo escolar*. Cabe não somente ao professor como também a sociedade como um todo contribuir para que a criança negra tenha chance de receber uma formação saudável, que possibilite torná-lo um cidadão consciente, livre de traumas e preconceitos.

PALAVRAS-CHAVE: Criança negra; auto-estima; discriminação.

ABSTRACT

This article presents reflections which permits to support the teacher to realize and struggle against segregation and discrimination inside classroom avoiding to compromise negatively in self-image and self-esteem that the black child has of himself. The methodology used will be a bibliographical setting-up which gathers scholars' works who also had as focus of their studies discussion about racial discrimination that occurs inside classroom. This issue that for decades has been silenced and neglected for some teachers, maybe because they believed in the utopia that, in Brazil, there is that they call of “racial democracy”, lacks of reflection. We expect that the reflections proposed in this work promote changes which could help to break the silence that reigns over the educational racism. It is not only the teacher but also the society as a whole to

¹ Aluna do I Curso de Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais e História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. NEAB – UFU. Graduada em História pela UFU. Especialista em Supervisão Escolar pela Universidade Católica de Uberlândia.

² Professora/Orientadora da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal – UFU.

contribute to the black child to have the chance to receive a good formation which enables them to become a conscious, trauma and prejudice free citizen.

KEYWORDS: Black child, self-esteem, discrimination

INTRODUÇÃO

Toda criança tem o direito de ter uma educação de qualidade que promova o seu bem-estar com a finalidade de educá-las para a vida a fim de terem a oportunidade de desenvolver suas potencialidades de forma integral, nos aspectos sociais, intelectuais e, emocionais.

Escolhemos trabalhar neste artigo sobre a “Discriminação racial em sala de aula” por ter a preocupação de que alguns educadores durante sua formação acadêmica, não foram contemplados com estudos e pesquisas que os preparassem para enfrentar e debater sobre a discriminação racial ao entrarem na sala de aula. E ainda, nos incomodava o descaso com que certos professores tratam o tema. Alguns por não dominarem o assunto, outros por desinteresse mesmo.

A utopia de que vivemos num país que aceita as diferenças, onde o racismo é pouco admitido e conseqüentemente, menos enfrentado, só encobre o problema dificultando também seu estudo. Mas nem por isso é motivo para deixarmos de debaterlo nem desistir de banir esse mau, “a discriminação racial” da escola e da sociedade como um todo.

As crianças negras ao entrarem na idade escolar encontram um agravante que impede seu pleno desenvolvimento emocional e intelectual logo que chegam à sala de aula. Muitas são perseguidas, humilhadas, segregadas, excluídas e estigmatizadas por colegas de sala de aula e, às vezes, até mesmo por professores.

Dentre esses termos que trazem prejuízo à criança negra ao ingressar na escola a “Discriminação³” nos pareceu ser aquele que requer um cuidado maior de atenção por parte não só dos professores, mas, também de toda a sociedade.

³ A discriminação é o ato de considerar que certas características que uma pessoa tem são motivos para que sejam vedados direitos que os outros têm. Numa palavra, é considerar que a diferença implica diferentes direitos. De acordo com Hédio Silva Jr, (2002), as manifestações da discriminação racial na escola conformam um quadro de agressões materiais ou simbólicas, de caráter não apenas físico e/ou moral, mas também psíquico, em termos de sofrimento

Sendo assim, o objetivo deste trabalho é fazer uma pesquisa bibliográfica escolhendo alguns autores/pesquisadores que também estudaram o *racismo na escola* para juntos, refletirmos sobre o tema.

Uma das primeiras pesquisadoras que já na década de 1980 observou um índice maior de repetência e evasão escolar de crianças negras do que de crianças brancas em razão da ausência de propostas de interação entre a escola e a criança afro-descendente foi Fúlvia Rosemberg.

Segundo a autora as crianças negras tendem a repetir o ano com uma frequência maior do que as crianças brancas e são excluídas mais cedo do sistema escolar, além de apresentarem uma trajetória escolar mais conturbada e irregular do que as crianças brancas, sofrem um maior número de afastamentos e regresso para a escola, demonstrando uma maior dificuldade de interação e inclusão entre o sistema escolar e a criança negra. Mesmo assim, grande parte delas supera as vicissitudes que a sociedade lhe coloca ao se esforçar a permanecer na escola. (ROSEMBERG, 1996).

Já nos primeiros dias de aula a criança estigmatizada, assustada por se encontrar fora do acolhimento e da segurança familiar toma consciência, geralmente através de outras crianças, a conhecer seu estigma. Essa experiência, sem um motivo aparente, pode acontecer por meio de xingamentos, ofensas e exclusão da criança negra reduzindo significativamente suas chances de vida.

A discriminação étnica se evidencia quando, em condições sociais dadas, de suposta igualdade entre brancos e negros, se identifica um favorecimento para um determinado grupo nos aspectos social, educacional e profissional. Fato que expressa um processo institucional de exclusão social do grupo desconsiderando suas habilidades e conhecimentos.

A discriminação racial opera, na nossa sociedade, como um processo que acarreta inúmeras desvantagens para o grupo negro e para toda a sociedade brasileira, direta ou indiretamente. Compreende-se que o reconhecimento positivo das diferenças étnicas deve ser proporcionado desde os primeiros anos de vida. Para tornar a pré-escola um espaço positivo ao entendimento das diferentes etnias, é necessário observarmos o processo de socialização atualmente desenvolvido no espaço escolar, que conforme demonstrado por diversos estudos e pesquisas parece ignorar essa questão. Contudo, a educação infantil não pode esquivar-se do dever de preparar o indivíduo para a existência das diferenças étnicas, já que ela, inevitavelmente, permeará a sua relação com os demais cidadãos. (CAVALLEIRO, 2006 p. 26).

mental, com consequências ainda não satisfatoriamente diagnosticadas, visto que incidem cotidianamente sobre o aluno negro, alcançando-o já em tenra idade.

Esse racismo nas escolas poderá vir algumas vezes de formas visíveis e outras invisíveis, camufladas. Conseguir clarear esses conflitos étnicos e trazê-los à tona para assim, tentar encontrar soluções concretas que combatam o racismo principalmente no âmbito escolar é algo que nós e muitos outros pesquisadores/educadores almejamos⁴.

Numa sociedade como a nossa, na qual predomina uma visão negativamente preconceituosa, historicamente construída, a respeito do negro e, em contrapartida, a identificação positiva do branco a identidade estruturada durante o processo de socialização terá por base a precariedade de modelos satisfatórios e a abundância e estereótipos negativos sobre o negro. (CAVALLEIRO, 2006, p. 19).

O racismo⁵ tenta negar a humanidade das pessoas negras quando as compara a animais, doenças ou ao acentuar suas características físicas igualando-as a objetos. “De tanto inferiorizar as pessoas negras com apelidos, ‘piadinhas’ e gracejos, todo o mundo passa a achar que isso é engraçado, louvável e quem se indigna é ‘neurótico’” (SILVA, 2001, p. 77). Essas comparações se tornaram tão corriqueiras e banais que estão naturalizadas na cultura brasileira. Já está mais do que na hora de começarmos a desconstruir essas comparações que só denigrem a imagem do negro e dar-lhes o devido respeito.

Os autores Hédio Silva Júnior, (2002); Márcia Maria de Jesus Pessanha, (2003); Iolanda de Oliveira, (2003); Nilma Lino Gomes, (2001); Eugenia da Luz Silva Foster (2004); Alex Avelino Bittencourt, (2009) dentre outros, também buscaram em seus trabalhos a luta contra as desigualdades e o respeito quanto às diferenças, neste caso específico, as diferenças encontradas na escola.

Sendo a escola representante de uma parcela da sociedade, nela também encontraremos os variados tipos de exclusão⁶, intolerância⁷ e segregação⁸ que nada mais são do que o reflexo da discriminação na sociedade em geral. “No âmbito escolar, a

⁴ SILVA JR., Hédio, 2002; ROSEMBERG, Fúlvia; PINTO, Regina P.; NEGRÃO, Esmeralda V., 1986; CAVALLEIRO, Eliane, 2006; SOUZA, Sephora S.; LOPES, Tarcília M.; SANTOS, Fabianne G. S, 2007.

⁵ Segundo Munanga, o racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais. Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural.

⁶ Ferraro (1999) constrói o conceito de exclusão da escola e de exclusão na escola para identificar fenômenos de não-acesso, evasão, reprovação e repetência de crianças das camadas populares. - In: RIBEIRO, 2006.

⁷ De acordo com o dicionário Aurélio, Intolerância é: Repugnância, atitude odiosa, agressiva, a respeito daqueles de cuja opinião ou crença se diverge.

⁸ Significa separar ou isolar determinados grupos étnicos por barreiras de comunicação social, como estabelecimentos de ensino separados ou outras medidas discriminativas.

discriminação pode envolver professores, funcionários, familiares e alunos, sendo qualquer um desses o agente discriminador” (BITTENCOURT, 2009, p. 237). Assim, através do tema: *Discriminação Racial em Sala de Aula*, a pesquisa pretende auxiliar o professor instigando-o a pensar em algumas questões:

- A educação atual permite trazer à tona o tema discriminação racial em sala de aula?
- Discutir esse tema nos ajuda na formação cidadã dos educandos?
- Há o cuidado de tratar nossos alunos de acordo com suas individualidades?
- De que forma podemos contribuir para que crianças negras possam ser educadas e conviver dentro de um ambiente tranquilo, sem violência e discriminação, onde sua cultura e suas origens sejam valorizadas, auxiliando-as a elevar sua autoestima? Esses são alguns desafios que queremos abordar ao longo desse artigo.

O artigo apresenta reflexões que permitam auxiliar o professor a perceber e combater a segregação e a discriminação dentro da sala de aula evitando comprometer negativamente na autoimagem e na autoestima que a criança negra faz de si mesma objetiva criar uma consciência nos profissionais de ensino para o combate ao preconceito e discriminação racial em sala de aula. A metodologia utilizada será o levantamento bibliográfico que reuni trabalhos de estudiosos que também tiveram como foco de estudo discutir sobre a discriminação racial que ocorre dentro da escola. Esse tema que há décadas foi silenciado até mesmo pelos próprios professores talvez por acreditarem na utopia de que no Brasil exista a tal da “democracia racial”⁹ carece de reflexões que promova mudanças e que tenha como propósito romper com esse silêncio que impera sobre o tema *racismo escolar*.

Ou seja, pretendemos sensibilizar a classe docente pela busca e pelo interesse junto ao tema “Discriminação racial em sala de aula”. Para que efetivamente isso seja possível, torna-se de extrema importância parar por um momento e dedicarmo-nos à

⁹ O termo *Democracia Racial* foi uma Corrente ideológica que pretendia negar a desigualdade racial entre brancos e negros no Brasil como fruto do racismo, afirmando que existe entre esses dois grupos raciais uma situação de igualdade de oportunidade e de tratamento (GOMES, 2005, p. 57). De acordo com Guimarães (2003), a idéia de que o Brasil era uma sociedade sem “linha de cor”, ou seja, uma sociedade sem barreiras legais que impedissem a ascensão social de pessoas de cor a cargos oficiais ou a posições de riqueza ou prestígio, era já uma idéia bastante difundida no mundo, principalmente nos Estados Unidos e na Europa, bem antes do nascimento da sociologia. Tal idéia, no Brasil moderno, deu lugar à construção mítica de uma sociedade sem preconceitos e discriminações raciais. Mais ainda: a escravidão mesma, cuja sobrevivência manchava a consciência de liberais como Nabuco, era tida pelos abolicionistas americanos, europeus e brasileiros, como mais humana e suportável, no Brasil, justamente pela ausência dessa linha de cor.

reflexão sobre nossos próprios valores, crenças e comportamentos. Aí, sim, após essa reflexão, teremos a oportunidade de tratar o racismo que está tão inerente na sociedade brasileira, bem como seus efeitos em nossas vidas e na vida de nossos alunos negros.

Aparentemente no cotidiano escolar existe uma relação harmoniosa entre crianças brancas e negras, no entanto, dificilmente é visto nas paredes dos corredores e das salas de aula cartazes, fotografias e até mesmo nos livros e revistas, indícios que demonstre conviver naquele espaço crianças não-brancas. Ou seja, na maioria das vezes, o material não retrata a diversidade existente na escola.

Se é verdade que políticas de promoção da igualdade racial podem diminuir as taxas de desigualdades entre negros e brancos, atacando a discriminação, não podemos esquecer que é preciso atacar com a mesma intensidade a raiz do problema, isto é, o racismo e o preconceito. Neste campo, não será demais lembrar que apenas a educação pode mudar valores, contribuindo para a valorização da diversidade e a construção de um senso de respeito recíproco entre os grupos que conformam esta rica geografia de identidades culturais denominada Brasil. (WERTHEIN, 2002, p. 10).

O SILÊNCIO DO PROFESSOR

A autora Eugênia Foster (2004) nos lembra que a escola silencia sobre o racismo até mesmo quando esta afirma estar falando sobre a questão racial. “Todos se dizem não-racistas mas apontam o racismo no colega” (FOSTER, 2004, p. 9). Segundo Foster, ultimamente até que tem existido debates sobre respeito à diversidade cultural e sobre a diferença, mas que ainda é pouco expressivo o número efetivo de escolas que trabalham com o tema racismo. E conclui que “o racismo embora negado no discurso, é confirmado cotidianamente, na prática de nossas escolas. É impressionante como, além da simples omissão, o recurso que mais se adota para a questão racial é o silêncio” (FOSTER, 2004 p. 9).

Para dialogar e nos auxiliar no embasamento teórico sobre o tema da discriminação racial em sala de aula, utilizamos também a obra da autora Eliane Cavalleiro¹⁰. Nela a autora pôde constatar após um período de observação em uma escola infantil¹¹ com crianças de 4 a 6 anos, que já nesta idade as crianças negras apresentam uma identidade negativa em relação ao grupo étnico de que fazem parte.

¹⁰ **Do silêncio do lar ao silêncio escolar:** racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Contexto, 2006.

¹¹ A pesquisa foi realizada durante observação sistemática do cotidiano de uma escola de educação infantil (EMEI) pelo período de oito meses, em três salas de aula. Fica localizada na região central de São Paulo, que recebe diariamente cerca de quinhentas crianças entre quatro e seis anos.

Ainda através desta mesma experiência, Cavalleiro nota que em contra-partida, a criança branca demonstra um sentimento de superioridade e, conseqüentemente, se acha no direito de ter atitudes muitas vezes preconceituosas, xingando e/ou ofendendo seus colegas de sala negros, remetendo aí um caráter negativo à cor da pele.

No que diz respeito ao comportamento do professor em relação a esses conflitos, o dramático depoimento da menina Catarina (negra) é bastante elucidativo. Segundo ela, as crianças a xingam "... de preta que não toma banho. Só porque eu sou preta eles falam que eu não tomo banho. Ficam me xingando de preta cor de carvão. Ela me xingou de preta fedida. Eu contei para a professora e ela não fez nada".(CAVALLEIRO, 2006, p. 52).

Uma das maiores preocupações demonstrada pela autora em relação à autoestima da criança negra é que essas situações de discriminação ocorrem em sua maioria, na presença dos próprios professores, que não se interferem, mantendo uma postura de silêncio e de não envolvimento tornando-os, assim, um dos responsáveis pela formação de uma autoimagem negativa, inferiorizada, desvalorizada que a criança negra faz de si.

Essa reação por parte dos professores acaba se tornando um agravante para a questão do preconceito¹² em sala de aula, tornando esse crime comum, banalizado. Para Cavalleiro (2006) o silêncio do professor acaba auxiliando novas ocorrências de ações preconceituosas e discriminatórias no espaço escolar e, posteriormente, em outros espaços sociais.

A ausência do tema "o que significa ser uma criança negra e uma criança branca" no planejamento escolar pode dificultar a harmonia nas relações étnicas. O silêncio que envolve o tema racismo contribui para que se entenda erroneamente a diferença como algo desigual e os negros como algo inferior. Somente após uma discussão profunda dos problemas relacionados à discriminação que a escola conseguirá exercer seu papel de extrema importância na formação do indivíduo.

O racismo é algo que está arraigado no cotidiano escolar, deixando marcas profundas em crianças e adolescentes negros. Esse silêncio sobre o racismo muitas vezes é usado estrategicamente para se tentar evitar o conflito étnico, em sua grande

¹² O preconceito é a fôrma de pensamento na qual a pessoa chega a conclusões que entram em conflito com os fatos por tê-los prejudgado. Segundo Crochik, para se estudar e entender o preconceito é necessário se recorrer a mais do que uma área do saber. Embora ele seja um fenômeno psicológico, aquilo que leva o indivíduo a ser preconceituoso ou não, pode ser encontrado no seu processo de socialização, no qual se transforma e se forma enquanto indivíduo. (CROCHIK, 1997, p. 15).

maioria essa ação não surte muito efeito, pois, os problemas só irão se agravar ainda mais.

Segundo Cavalleiro (2006), ao viverem “numa sociedade com democracia racial de fachada, destituída de qualquer preocupação com a convivência multétnica, as crianças aprendem as diferenças no espaço escolar de forma bastante preconceituosa.” A ausência de debates e estudos sobre a diversidade étnica dentro do âmbito escolar, tanto por parte dos professores como também da direção escolar e ainda, nas pautas das reuniões pedagógicas, demonstra o despreparo e a falta de cuidado da educação com o tema.

OS LIVROS DIDÁTICOS

O livro didático também contribui para a manutenção da invisibilidade do negro ao trazer mensagens que enaltecem o branco como herói ou como vencedor e o negro, quase sempre, como vencidos e escravos.

Para perceber a discriminação encontrada nos livros didáticos é necessário um pouco mais de atenção, ou seja, “ler nas entrelinhas”. Grande parte dos docentes não percebe e não questionam a influência negativa que esses livros preconceituosos e excludentes trazem para a autoestima da criança negra. Pessanha (2003) ressalta que as mensagens, informações e ideologias que vêm vinculadas aos textos faz com que fiquemos atentos e com um cuidado todo especial ao incluirmos nos programas obras de autores que problematizam e apresentam instigantes questões de discriminação racial através de histórias, contos, crônicas e canções.

Os livros estão repletos de personagens que estereotipam e estigmatizam os negros. Para mudar esses paradigmas da literatura, basta selecionarmos livros cujo tema e personagem valorize as belezas do negro, suas qualidades e capacidades resgatando assim, a dignidade das diversas etnias africanas. Ou seja, falta à criança afro o modelo de “Belo Negro”.

As imagens das narrativas literárias, quando utilizadas adequadamente, longe de uma visão etnocêntrica, branqueadora, a qual é quebrada nessas obras, oferece ao leitor re(a)presentações positivas do negro, do descendente de africanos, possibilitando ao branco uma reeducação quanto à visão estereotipada do negro, e a este elevação da auto-estima e resgate de sua cultura.(SOUSA, 2001, p. 211-212)

A escola, de acordo com a pesquisadora Valéria Algarve (2004), tem papel fundamental no auxílio à formação da identidade de crianças negras. Para isso é necessário que se trabalhe com os alunos a história, a cultura, as lutas por que passou e as vitórias que a população negra conquistou e deixou como herança para nós brasileiros¹³. “Também é importante que ela reconheça a diversidade da população brasileira, valorizando-a devidamente, contribuindo para a formação de cidadãos auto-confiantes que possam exercer sem medo sua cidadania”. (ALGARVE, 2004, p. 16). Ao falarmos na responsabilidade da escola para uma formação sadia da identidade e da intelectualidade da criança negra incluímos todos aqueles que fazem parte da rotina escolar: professores, direção, coordenação, supervisão e colegiado este último incluindo os pais e alunos.

A partir do momento em que alunos, professores e funcionários consigam manter vínculos concretos de afetividade e respeito, a escola se torna um local agradável e convidativo para práticas educativas, políticas e culturais.

Mas, se por outro lado, essa afetividade não existe entre os sujeitos, a escola com certeza se tornará um lugar indesejado para se conviver, repleto de violência e conflitos que prejudicarão o desempenho intelectual e o equilíbrio emocional, não só dos alunos, mas de todos os que convivem na escola. “Investir na melhoria da relação professor-aluno é um alvo a ser destacado, dada a sua relevância na atuação sob a violência e no desenvolvimento de características individuais, como a auto-estima” (MARRIEL, 2006, p.46).

AFETIVIDADE JUNTO AO ALUNO BRANCO/NEGRO

A partir das experiências e dos acontecimentos vivenciados dentro da escola, e por meio da escola, é que surge um importante significado para o desenvolvimento intelectual, social e afetivo da criança. O professor tem participação singular nesse processo. “Para muitos, o afeto do professor pode significar a continuação da permanência na escola”. (ALMEIDA, 1999, p. 13). Sendo assim, a escola não deve negligenciar, subestimar ou eliminar o espaço da emoção das crianças, sejam elas negras ou não-negras.

¹³ Podemos citar como exemplo de luta dos negros a busca pelo direito à educação formal.

De acordo com Silva, (2001, pp. 65-66), durante a década de 1980 foi realizada uma pesquisa na sociedade e constataram a sedimentação de papéis sociais subalternos e a retificação de estereótipos racistas, protagonizados pelas personagens negras. Constatou-se que essas práticas afetivas afetavam crianças e adolescentes negros/as e brancos/as em sua formação e em sua autoestima do primeiro grupo e cristalizando, no segundo, imagens negativas e inferiorizadas da pessoa negra, empobrecendo em ambos o relacionamento humano e limitando as possibilidades exploratórias da diversidade étnico-racial e cultural.

Dessa forma poderemos supor que essa imagem desvalorizada e inferiorizada dos negros, e por outro lado, a valorização e o enaltecer do branco possa ser internalizada durante a formação do sujeito, através dos processos socializadores.

Ao elogiarmos nossos alunos, devemos ter o cuidado, até mesmo nos pequenos gestos de carinho e afeto para não prejudicarmos a autoestima de quem não é provedor das características citadas no elogio. Tentar desconstruir o ideal de beleza que nos foi por tantos anos impostos, através da mídia e da sociedade em geral de que belo são somente aqueles que possuem características da “beleza europeia¹⁴”, e tudo o mais que foge a essas características não tem beleza nem valor. “A ideologia, ao promover o estereótipo, leva o estereotipado a internalizar sua imagem negativa, idealizada com o objetivo de inferiorizá-lo e oprimi-lo.” (CAVALLEIRO, 2006, p. 63). Situações que aparentam ser uma “simples algazarra de criança”, como por exemplo: dissimulações, piadinhas quanto à aparência do cabelo, o formato do nariz, a cor da pele e o “cheiro” da criança negra, muitas vezes encobrem o racismo oculto, abrindo as portas para manifestar ideias preconceituosas.

Durante o período de observações, Cavalleiro presencia diversas vezes, comentários de professores que, segundo ela, repercutiram negativamente na autoestima das crianças negras daquela escola, expondo-as a humilhações.

A seguir descreveremos um dos comentários presenciados: “Quem mandou soltar esse cabelo? Não pode deixar solto desse jeito. Porque soltou? Ele é muito grande e muito armado! Precisa ficar preso – em seguida, energicamente, pega a maria-chiquinha do pulso a menina, prendendo-lhe os cabelos.” (CAVALLEIRO, 2006, pp.

¹⁴ Entende-se por características de beleza européia os seguintes traços: a pele branca, olhos claros, cabelos loiros e lisos, estatura alta, magro e nariz fino.

64,65). Ainda durante essas observações, a autora percebe que existe certa “diferenciação de afetividade” dos professores com relação à criança negra e a branca.

Quando a relação acontece entre professor/aluno branco, encontramos maior quantidade de contato físico direto, com beijinhos, abraços, toques e elogios, ou seja, “Na relação com aluno branco as professoras aceitam o contato físico por meio de abraço, beijo ou olhar, evidenciando um maior grau de afeto.” (p. 72). Por outro lado, “O contato físico é mais escasso na relação professor/aluno negro. Ao se aproximarem das crianças negras, as professoras mantêm, geralmente, uma distância que invisibiliza o contato físico. É visível a discrepância de tratamento que dispensa a elas.” (p. 73).

Cabe aqui uma reflexão para a classe docente: um alerta ao dispensar carinhos e elogios de maneira desigual, permitindo que a origem étnica da criança regule a quantidade e o modo de distribuir esses afetos, pois as crianças negras podem se sentir excluídas, menos capazes ou menos queridas pelos professores.

Esse tipo de ação impensada de alguns professores pode contribuir na concretização da forma de eleger características esteticamente “bem” aceitas e características “mal” aceitas, rejeitadas, fazendo dessa prática, algo severamente prejudicial para a autoestima e autoimagem de crianças negras. Essa, por conseguinte, poderá se tornar um adulto com problemas de identidade pessoal. Esse parece ser o germe de beleza ideal, nele o modelo de beleza branca passa a ser algo desejável para as crianças não-brancas que passam a admirar e desejar para si esta estética.

A omissão de informação sobre diversidade racial na escola pode representar para a criança branca a ilusão de pertencer a uma classe superior, pois o acesso que geralmente a criança possui para se informar e se espelhar vêm da mídia ou até mesmo da família, amigos e vizinhos e esses já estão contaminados pelo ideal da “superioridade branca” e trazem consigo um fardo enorme de preconceito e racismo contra a raça negra.

Já para a criança negra, essa ausência de informação sobre seu grupo étnico e o silêncio instaurado na escola quando se trata do tema de preconceito racial, poderá levá-la a entender, aceitar e internalizar a sua descendência como algo inferior.

Torna-se de grande importância apresentar aos alunos a maneira como a história dos negros no Brasil foi durante anos deixados de lado, mas que ainda dá tempo e necessita de ser passada a limpo. Mostrar o quanto o negro foi privado de sua

humanidade, lembrando que através do seu sacrifício possibilitou-se formar a base da cultura nacional.

Daí a necessidade de reverter o quadro segregador do negro e reconstruir seu espaço, visando derrubar o que era tido como negativo, impuro, inculto e desvalorizado. A literatura então que buscamos deve se nutrir de idéias de desconstrução de verdades, que negam o negro substituindo-as por outras e exaltar-lhe a condição humana. (PESSANHA, 2003, p. 162).

De acordo com Pessanha, (2003) devemos desde o início, receber a criança proporcionando-lhe meios para que elas amadureçam conscientes de sua identidade e consigam reivindicar seus direitos de cidadão, no qual todos são considerados “iguais” perante a lei independentemente da cor da pele. Daí a importância e a responsabilidade do nosso papel de educador na efetivação dessas questões dentro das práticas pedagógicas, como sujeito de um processo transformador dentro de nossos respectivos espaços de atividades docentes.

Estaremos nós professores e instituições de ensino possibilitando aos alunos negros a condição adequada à construção de uma imagem positiva de si mesmo, de sua aparência, do povo e da cultura negra em geral?

Os efeitos da prática racista são tão perversos que, muitas vezes, o próprio negro é levado a desejar, a invejar, a introjetar e projetar uma identificação com o padrão hegemônico branco, negando a história do seu grupo étnico-racial e dos seus antepassados. Esse é um dos mecanismos por meio do qual a violência racista se manifesta. (GOMES, 2001, p. 93).

A sociedade brasileira “apenas” reproduz o modelo de beleza “ideal” branca que está estampada nas revistas, novelas, no cinema e em todos os meios predominantes de comunicação. Essa reprodução internaliza nas crianças uma “suposta superioridade” da raça branca. Num primeiro momento essa prática não aparenta perigo, mas, com o passar dos anos ela poderá prejudicar seriamente o processo de socialização desse jovem negro a ponto de muitos deles tentarem negar a sua própria raça.

É dever de todos nós, cuja profissão é educar, zelar e promover uma educação de fato igualitária a todas as crianças, desde os primeiros anos escolares, independente de seu tom de pele, classe social e origem, pois nessa faixa etária que abrange a educação infantil (0 a 6 anos), as crianças se tornam vítimas fáceis e frágeis dos estigmas e preconceitos vindos de seus algozes mediadores sociais, dentre eles, aqueles que deveriam educar e proteger: o professor.

Devemos então promover uma educação onde ocorra o entendimento das diversidades étnicas, pois, somente a partir desse entendimento é que surgirão possibilidades para uma real formação de sujeitos menos preconceituosos.

A prevenção de práticas discriminatórias, penso, requer um trabalho sistemático de reconhecimento precoce da diversidade étnica e dos possíveis problemas que o preconceito e a discriminação acarretam em solo brasileiro, desde a educação infantil – familiar e escolar. Tal prática pode agir preventivamente no sentido de evitar que pensamentos preconceituosos e práticas discriminatórias sejam interiorizados e cristalizados pelas crianças, num período em que elas se encontram muito sensíveis às influências externas, cujas marcas podem determinar sérias consequências para a vida adulta. (CAVALLEIRO, 2006, p. 38).

A escola, local que deveria se destinar ao acolhimento de toda criança, independente de sua origem étnica, não recebe a criança negra com esse acolhimento, com essa inclusão pelo fato de não trazer para sua rotina e seu cotidiano práticas que reconheçam positivamente a criança negra, sua aparência, sua cultura e costumes.

Uma prática pedagógica justa deve considerar a diversidade de classe, sexo, idade, raça, cultura e crenças existentes no cotidiano escolar além de pensar (e repensar) o currículo e os conteúdos escolares a partir dessa realidade tão diversa. “A construção de práticas democráticas e não preconceituosas implica o reconhecimento do direito à diferença, e isso inclui as diferenças raciais. Aí, sim, estaremos articulando Educação, cidadania e raça”. (GOMES, 2001, p. 87). Esse seria um dos motivos da evasão escolar em maior porcentagem de negros do que de brancos. Sendo a educação um direito de todos os cidadãos, é contraditório o espaço escolar não estar preparado para receber crianças negras com o devido respeito e dedicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cabe aos professores, ensinar a criança, principalmente negra, que é quem recebe a ação racista, aprender a confrontar e a reconstruir a História, sendo autor atuante de sua própria vida. “Pensar criticamente é uma das habilidades e um dos instrumentos a serem desenvolvidos pela educação escolar mais influente na busca de igualdade e justiça social. Isso significa aprender a questionar a realidade de uma forma pró-ativa”. (ROSSATO; GESSER, 2001, p. 33)

Para que germine a ideia de uma verdadeira *democracia racial* no Brasil é necessário o reconhecimento da importância da raça negra no nosso país. Isso implica

trabalhar as políticas educacionais de valorização da diversidade, questionar dentro do tema das relações étnico-raciais os estereótipos e os estigmas depreciativos que são geralmente vinculados à comunidade negra, juntamente com as demonstrações de atitudes preconceituosas e discriminatórias, quase sempre acompanhadas de sentimentos de superioridade dos indivíduos de pele branca em relação aos de pele negra.

É necessário ainda, respeitar a cultura e a história dos negros entender e respeitar o que é importante em suas vidas, como sujeitos constituídos de saberes e conhecimentos. Devemos sensibilizar-nos e não nos silenciar quando esses recebem os apelidos depreciativos, quando são afetados por “brincadeiras” que na maioria das vezes os desqualificam e os ridicularizam pelas características físicas. Ou seja, é indispensável formar professores que sejam preparados para lidar com a diversidade cultural de seus alunos, não os tratando como iguais, mas sim, educando-os em suas especificidades.

A omissão de professores, pais e direção quanto à violência velada do racismo escolar também é agressão. Não se pode fazer de conta que esses fatos não acontecem em nossas escolas e deixar que o aluno sofra a agressão em silêncio e desamparado. Por isso, acredita-se na importância que cabe à escola refletir e discutir assuntos que afligem a humanidade em seu dia a dia, dentre eles, podemos destacar como um dos temas mais urgentes e carentes para se debater, a discriminação e o preconceito e suas múltiplas formas de prevenção além da grave influência que terá no desenvolvimento da criança e do adolescente negro.

Cabe à escola e aos professores fazerem com que a História seja contada a mais “vozes”, para que o futuro seja escrito a mais “mãos”. “É necessário romper o silêncio a que foram relegados negros e índios na historiografia brasileira, para que possam construir uma imagem positiva de si mesmos”. (SANTOS, 2001, p. 107). É verdade que a escola sozinha não conseguirá reverter anos de desvalorização que foi destinada à população negra e séculos de supervalorização da população branca, mas, se junto com a família, ela poderá e deverá se esforçar em realizar a re-construção de uma sociedade que cultua o respeito às diferenças.

A escola dá continuidade a uma aprendizagem que já foi iniciada na família e que irá refletir futuramente nas relações dessas crianças com a sociedade. A partir disso, temos a noção da imensa responsabilidade que cabe não somente à família, mas também

ao professor e à escola como um todo para a formação do cidadão saudável, consciente, livre de traumas e preconceitos.

A sala de aula é um ambiente onde as emoções se expressam, e a infância é a fase emocional por excelência. Como qualquer outro meio social, existe diferenças, conflitos e situações que provocam diferentes tipos de emoções, ao professor cabe administrá-las, coordená-las. É lhes imprescindível uma atitude racional para poder interagir com os alunos, buscando descobrir seus motivos e compreendê-lo. (ALMEIDA, 1999, p. 103)

Sabemos que a tarefa de educar sem discriminar não tem sido uma tarefa fácil, pois muitos preconceitos e estereótipos ainda estão muito enraizados dentro de nós mesmos devidos anos e anos de alienantes “estigmas” que nos foram impostos. Para aqueles e aquelas que se querem fazer “professor inesquecível”, basta procurarem fazer de suas experiências cotidianas o lugar de sua reflexão teórica, fazendo a junção entre o dizer e o fazer.

E é esse campo de ação que precisamos garantir a vez e a voz dos “marginalizados” da cultura dominante, aprendendo a compreender a diferença, a diversidade de usos, costumes e linguagens como fato de construtivo acréscimo. Se a escola se pretende democrática não deve homogeneizar os saberes e crenças e impor seu padrão sem tentar perceber nuances culturais e étnicas. (PESSANHA, 2003, p. 146-147).

Sendo assim, cabe aos professores, juntamente com a escola, buscar efetivamente conhecimentos sobre a questão étnico-racial que incluam de forma positiva a criança negra dentro do ambiente escolar e ainda formular projetos que promovam o respeito mútuo ao outro, ao diferente, possibilitar um diálogo consciente e tranquilo, sem preconceitos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me guiado com sabedoria. Agradeço ainda ao MEC/SECAD/FNDE/UNIAFRO-2008, Programa de Formação Continuada PROEX-UFU, Instituto de Química da Universidade Federal de Uberlândia, ao NEAB-UFU, à professora Vânia Aparecida Martins Bernardes e a todos os estagiários, professores e amigos que estiveram conosco neste I Curso de Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais e História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALGARVE, Valéria Aparecida. **“Cultura negra na sala de aula: pode um cantinho de Africanidades elevar a auto-estima de crianças negras e melhorar o relacionamento entre crianças negras e brancas?”** Dissertação (Mestrado). 2004. Universidade Federal de São Carlos.

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1999.

BITTENCOURT, Alex Avelino et al. **Sentimento de discriminação em estudantes: prevalência e fatores associados**. Rev. Saúde Pública, São Paulo, v. 43, n. 2, abr. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034891020090002000004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 03 maio. 2009.

CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e Anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001.

_____. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2006.

CROCHIK, José Leon. **Preconceito: indivíduo e cultura**. São Paulo: Robe Editorial, 1997.

FOSTER, Eugenia da Luz Silva. **Racismo e movimentos instituintes na escola**. 2004. 148 f. Tese (Doutorado) - Departamento de Centro de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.

GUIMARAES, Antonio Sérgio Alfredo. **Democracia Racial**. 2003. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/sociologia/asag/Democracia%20racial.pdf>>. Acesso em 12 de Maio de 2011.

GOFFMAN, I. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução Márcia B. M. L. Nunes. 4 ed. Rio de Janeiro. Guanabara, 1963.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº.10.639/03** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, p. 39-62, 2005.

_____. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In: CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e Anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001.

MARRIEL, Lucimar Câmara et al. Violência escolar e auto-estima de adolescentes. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 36, n. 127, Apr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742006000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 21 Set. 2009.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia.** Disponível em: <http://wiki.mocambos.net/Arquivo:CONCEITO_DE_RA%C3%87A._RACISMO_E_ETNICA._MUNANGA.pdf>. Acesso em 15 Maio de 2011.

OLIVEIRA, Iolanda de. **Relações Raciais e Educação: novos desafios.** Coleção Política da Cor. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PESSANHA, Márcia Maria de Jesus. O negro na confluência da educação e da literatura. In: OLIVEIRA, Iolanda de. **Relações Raciais e Educação: novos desafios.** Coleção Política da Cor. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

RIBEIRO, Marlene. Exclusão e educação social: conceitos em superfície e fundo. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 27, n. 94, Abril, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302006000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 Jul. 2011.

ROSSATO, César; GESSER, Verônica. A experiência da branquitude diante de conflitos raciais: estudo de realidades brasileiras e estadunidenses. In: CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e Anti-racismo na educação: repensando nossa escola.** São Paulo: Summus, 2001.

ROSEMBERG, Fúlvia; PINTO, Regina P.; NEGRÃO, Esmeralda V. **A situação educacional de negros (pretos e pardos).** São Paulo, 1986. (Relatório de Pesquisa. Departamento de Pesquisas Educacionais/ Fundação Carlos Chagas).

SANTOS, Isabel Aparecida. A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial: alguns caminhos. In: CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e Anti-racismo na educação: repensando nossa escola.** São Paulo: Summus, 2001.

SILVA JR., Hédio. **Discriminação racial nas escolas: entre a lei e as práticas sociais.** Brasília: UNESCO, 2002. In: CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e Anti-racismo na educação: repensando nossa escola.** São Paulo: Summus, 2001.

SILVA, Maria Aparecida. Formação de educadores/as para o combate ao racismo: mais uma tarefa essencial. In: CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e Anti-racismo na educação: repensando nossa escola.** São Paulo: Summus, 2001.

SOUSA, Andréia Lisboa. Personagens negros na literatura infanto-juvenil: rompendo estereótipos. In: CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e Anti-racismo na educação: repensando nossa escola.** São Paulo: Summus, 2001.

SOUZA, S. S.; LOPES, T. M.; SANTOS, F. G. S. Infância negra: a representação da figura do negro no início da construção de sua identidade. In: UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. **Jornada Internacional de Políticas Públicas, 3.** São Luis: Ed. UFMA, 2007.

WERTHEIN, Jorge. Apresentação, p. 10. In: SILVA JR., Hédio. Discriminação racial nas escolas: entre a lei e as práticas sociais. Brasília: UNESCO, 2002.